

LINGUAGEM E EDUCAÇÃO: QUESTÕES FILOSÓFICAS E DESAFIOS PEDAGÓGICOS.

Dilaine Urtassum da Silva¹; Franciele das Neves Gonçalves²; Bárbara Regina Gonçalves Vaz³;

Universidade Federal do Pampa – dilaine.jaguarao@gmail.com¹;

Universidade Federal do Pampa – franciele220893@gmail.com²;

Universidade Federal do Pampa - bgvduarte@gmail.com³;

RESUMO

O artigo aborda vários tipos de linguagem, pois a sua abordagem, utiliza ideias e sentimentos para transmitir, seja através da fala, escritas e gestos, etc. Resumindo-se como o estudo da linguagem. Também retrata o sistema educacional, tanto no âmbito familiar, quanto no âmbito social, com pessoas que não estão relacionadas a família. O texto mostra e explica os desafios pedagógicos e questões filosóficas da linguagem da educação. O desafio pedagógico, trás os grandes desafios educacionais do professor em relação ao aluno, e as questões filosóficas em seu texto, a linguagem epistemológica e a linguagem hermenêutica .

Palavras Chaves: Linguagem, educação, desafios e questões pedagógicas.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – Campus Jaguarão

2 Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – Campus Jaguarão

1.INTRODUÇÃO

A linguagem esta junto do homem desde seu primórdios, pode-se dizer que ela sempre existiu na história da humanidade, pois sem ela não existiria um meio de nos ligarmos com o passado. É com ela que desenvolvemos a capacidade de dialogar, expressar e comunicar em nossa sociedade.

É importante ressaltar que a linguagem não baseasse somente em linguagem verbal, mas existe também a não verbal. Linguagem verbal é a escrita e oral, enquanto linguagem não verbal é a linguagem corporal, como por exemplo libras.

A linguagem como faz parte na vida do homem, também esta presente na escola, pois é nela que aprendemos a desenvolver uma capacidade educacional. É indiscutível a importância da linguagem para o homem na sociedade.

A educação não depende só de professores, orientadores, mas sim desde de sua casa, com seus pais, pois é lá que aprenderá a ter boas maneiras e educação, tanto no meio familiar como também em seu cotidiano com outras pessoas. Nas páginas a seguir poderá ser compreendido mais afundo sobre o conceito de linguagem e suas diferentes tipologias.

2. DESAFIOS PEDAGÓGICOS DA LINGUAGEM E DA EDUCAÇÃO

Linguagem não é só as palavras, mas sim todo o tipo de comunicação realizada, onde duas ou mais pessoas entendam a mesma. Ela é o modo de comunicação que varia de situação para situação, tornando-se assim cada vez de maneira diferente.

Para enfatizar o lugar da linguagem para nós, apresentamos a contribuição de Palmer (1989,p. 20-21).

“a existência humana tal como a conhecemos implica sempre a linguagem e assim, qualquer teoria sobre a interpretação humana tem que lidar com o fenômeno da linguagem. E entre os mais variados meios simbólicos de expressão usados pelo homem, nenhum ultrapassa a linguagem quer na flexibilidade e poder comunicativos, quer na importância geral que desempenha. A linguagem molda a visão do homem e o seu pensamento – simultaneamente a concepção que ele tem de si mesmo e do seu mundo (não sendo estes dois aspectos tão separados como parecem). A própria visão que tem da realidade é moldada pela linguagem [...]. Se considerarmos este tema em profundidade, torna-se visível que a linguagem é o “médium” no qual vivemos, nos movemos e no qual temos o nosso ser.

Então conclui-se que a linguagem é o sistema que o homem utiliza para transmitir suas ideias e sentimentos, seja através da fala, escrita, gestos, etc. E a ciência que se dedica ao estudo da linguagem é chamada de linguística.

No nosso dia a dia usamos com maior frequência a linguagem verbal e não verbal. A linguagem verbal é a fala e a escrita em geral e a não verbal vem a ser as imagens, fotos, gestos, símbolos, etc. Para as pessoas surdas e pessoas mudas se usa com maior frequência a linguagem não verbal, como a linguagem corporal e a Libras. Também pode ser feita a utilização da linguagem mista que é o uso da linguagem verbal e não verbal ao mesmo tempo como por exemplo uma história em quadrinhos que é entregue pelas palavras e pelas imagens, símbolos.

Também pode ser usada a linguagem formal (produzida em situações que exigem o uso da linguagem padrão, por exemplo, salas de aula ou reuniões de trabalho) e a informal

(usada quando existe intimidade entre os falantes, recorrendo a expressões coloquiais) variando de acordo com o contexto social em que a mesma é formada e utilizada.

Paulo Freire nos faz a proposta de conhecer a realidade do aluno com o intuito de compreender as diferenças culturais e linguísticas da escola e do contexto do aluno. Assim o professor pode fazer seus planejamentos de acordo com a linguagem desse aluno.

A distância da leitura escola e da leitura do mundo também é discutida por Freire:

O que quero dizer com a dicotomia entre ler as palavras e ler o mundo? Minha impressão é que a escola está aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. Nessa dicotomia, o mundo da leitura é só o mundo do processo de escolarização, um mundo fechado, isolado do mundo onde vivemos experiências sobre as quais não lemos. Ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as 'palavras da escola' e não as 'palavras da realidade'. [...] Você pode pensar nessa dicotomia como uma espécie de cultura do silêncio imposta aos estudantes. A leitura da escola mantém silêncio a respeito do mundo da experiência, e o mundo da experiência é silenciado sem seus textos críticos próprios (FREIRE, 1999, p. 22).

Paulo Freire foi um dos primeiros educadores a traçar um conceito de comunicação e sua ligação com a educação. No seu livro *Extensão ou Comunicação* o autor estabelece uma noção de comunicação que se insere no agir pedagógico libertador. Para ele a comunicação é “co-participação dos sujeitos no ato de pensar”. “O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo” (FREIRE, 1979, p. 66 e 67). Para Freire “a educação é comunicação, é diálogo, na

medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1979, p. 69).

Educar-se é, sobretudo, envolver-se em uma rede de interações. Essa opção tem seu correlato na comunicação entendida como diálogo em um espaço entre o emissor e o receptor, que também se fundamenta no pensamento de Paulo Freire:

E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometida mente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em ‘seres para o outro’ por homens que são falsos ‘seres para si’. É que o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica (FREIRE, 1979, p. 43).

Já para Geneviève (1998) confrontar os modos tradicionais de educação e aprimoração do conhecimento e a cultura midiática dos alunos é um dos desafios atuais para que a educação tenha também o papel de promover ao mesmo tempo o espírito crítico do cidadão e a capacidade de análise do educando.

2.1 DESAFIOS DA LINGUAGEM E DA EDUCAÇÃO NO EJA

Os jovens e adultos já carregam consigo as suas trajetórias de vida e a sua própria oralidade, o que deve ser levado em consideração na hora da relação com a linguagem. Esses homens e mulheres quando se deslocam para a escola, são quase sempre infantilizados com textos de leitura e escrita que não condizem com suas experiências de vida. Isso explica o relato de uma trabalhadora doméstica, de 43 anos, que expõe a razão por ter abandonado a escola: “Não dou pra essas coisas de escola, minha cabeça faz muita confusão quando me dão aquelas coisas bobas pra ler e eu não consigo. Prefiro ir pra igreja. Lá na igreja eu converso as coisas da minha vida” Isso acontece pelo fato de muitos professores acharem que devem agir com os adultos (que já tem uma linguagem desenvolvida) da mesma maneira q agem

com as crianças (que estão com a linguagem em desenvolvimento). Esse com certeza é o tipo de depoimento dado por muitos jovens e adultos que acabaram abandonando a escola.

Na escola faz falta o processo de mediação, o qual é apontado por Vygotsky (1989), como uma competência docente decisiva para estabelecer a ponte entre os conteúdos de vida e os de escola.

Para Freire o dialogo entre educadores e educandos é o: "encontro dos homens mediatizados pelo mundo, porém esse encontro não se esgota na relação eu-tu" (1992, p. 78)

O grande desafio educacional se traduz no ajudar a gestar um homem enquanto sujeito pleno de seu desejo, de suas transformações, um sujeito no qual o sentido não se encerre – mas se inicie, não alguém as sujeitado, mas um “sujeito situado” em seu tempo e espaço, dotado de um envolvimento tal com o universo que o cerca, que, na medida em que constitui o seu sentido próprio através de suas ações, também ajuda a significar todo o mundo.

Para contribuir o professor também deve falar em uma linguagem mais próxima de seus alunos para o entendimento de todos e o não constrangimento de seus alunos.

O que circula no mercado linguístico não é a língua, mas discursos estilisticamente caracterizados, ao mesmo tempo do lado da produção, na medida em que cada locutor transforma a língua comum num idioleto, e do lado da recepção , na medida em que cada receptor contribui para produzir a mensagem que ele percebe e aprecia, importando para ela tudo o que constitui sua experiência singular e coletiva”. (BOURDIEU, 1998, p. 25).

3. QUESTÕES FILOSÓFICAS DA LINGUAGEM DA EDUCAÇÃO

Linguagem é fenômeno que produz na filosofia o que é denominado: *osgiro linguístico, virada linguística* ou ainda *linguistic turn*, o qual significa o deslocamento da questão, da razão e da verdade do plano da relação sujeito-objeto para o plano da linguagem.

O problema da interpretação é colocado como o centro das preocupações filosóficas, por Comiso. Isso implica com um rompimento com a concepção do conhecimento como representação de uma consciência individual.

Nas notas que seguem, esperamos repercutir as implicações que servem de alicerce para a postura para o chamado de pensamento Pós-metafísico:

1. O abandono do esforço para conhecer em si as coisas, já reconhecido por Kant. Citamos a afirmação de Gadamer: ser que pode ser compreendido é linguagem. Constituído-se a linguagem em depositária da historicidade do ser, o qual é indissociável do tempo (proposição heideggeriana em cada dano título da obra *Ser e Tempo*).
2. A linguagem na qual se efetiva toda a compreensão do próprio modo de ser.
3. A linguagem se mantém aberta em sua dinamicidade (“só se conserva enquanto se transforma” – LARROSA, 2002).
4. A linguagem, segundo Humboldt, é humana desde seu começo (apud GADAMER, 1999, p. 642). A linguagem é originada com a consciência e as sociedades. GADAMER diz que o mundo surgiu a partir da linguagem e que antes da linguagem não existia o mundo: “o que se representa é sempre um mundo humano, isto é, estruturado linguisticamente, seja lá qual for a sua tradição” (GADAMER, 1999, p. 648-649).
5. A linguagem nos ultrapassa “como seres finitos sempre vimos de muito antes e chegamos até muito depois”. Nela “torna-se claro o que é real, mais além da consciência de casa um”.

(GADAMER, 1999, p. 652). Quando conhecemos a linguística descobrimos todo o nosso comportamento. Com esse acontecimento "tem lugar não somente o que se mantém, mas também e justamente a mudança das coisas" (GADAMER, 1999).

6. A relação obtida de linguagem com o mundo não quer dizer que o mundo tem que se tornar objeto da linguagem: "não existe nenhum lugar fora da experiência linguística do mundo a partir do qual este pudesse converter-se a si mesmo em objeto". (GADAMER, 1999, P. 657).

A atividade epistemológica movimentando-se no plano da linguagem, possui o acesso aos discursos sobre o ser. Podemos citar a preposição heideggeriana de que *linguagem é a casa onde habita o ser*.

Na seguinte passagem Palmer (1989, p. 244-245) exemplifica o entendimento a cima:

“A linguagem de fato não é um instrumento mas sim o modo como o ser aparece. Quando queremos transmitir o ser de uma situação, não imaginamos uma linguagem que se lhe adapte mas antes encontramos a linguagem adequada à situação. Assim o que encontra expressão na linguagem não é a nossa “refletividade” mas a própria situação: as palavras não funcionam essencialmente para se referirem a esta subjetividade; pelo contrário, referem-se à situação. O fundamento da objetividade não está na subjetividade daquele que fala mas sim na realidade que se exprime *na e pela* linguagem. É nesta objetividade que a experiência hermenêutica deverá encontrar o seu fundamento.”

Hermann (2002) lembra, que compreender é algo que se dá dentro de um contexto. Ela afirma que:

“Compreender o pensamento humano como uma operação mental ou como uma análise lógica implica silenciara dimensão de historicidade do homem, que ser e a liza no horizonte da própria linguagem. Implica, ainda, submeter a complexidade do processo de compreensão e de busca de sentido à tutela das ciências lógico formais” (HERMANN, 2002, p. 64).

Para enfatizar o poder da linguagem trago mais uma contribuição de Palmer (1989, p. 20-21)

“a existência humana tal como a conhecemos implica sempre a linguagem e assim, qualquer teoria sobre a interpretação humana tem que lidar com o fenômeno da linguagem. E entre os mais variados meios simbólicos de expressão usados pelo homem, nenhum ultrapassa a linguagem quer na

flexibilidade e poder comunicativos, quer na importância geral que desempenha. A linguagem molda a visão do homem e o seu pensamento – simultaneamente a concepção que ele tem de si mesmo e do seu mundo (não sendo estes dois aspectos tão separados como parecem). A própria visão que tem da realidade é moldada pela linguagem [...]. Se considerarmos este tema em profundidade, torna-se visível que a linguagem é o “médium” no qual vivemos, nos movemos e no qual temos o nosso ser.

A hermenêutica obtêm uma pressuposição de centralidade da linguagem, este fenômeno produz na filosofia o que chamamos de giro linguístico, virada linguística ou ainda linguistic turn. o que vem a ser o deslocamento da verdade do plano de relação do sujeito-objeto para o plano de linguagem, e da razão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo visa a demonstração dos desafios pedagógicos em relação a linguagem e a educação e as questões filosóficas das mesmas encontradas na sala de aula tanto no ensino fundamental como na educação de jovens e adultos.

Com ele concluímos que os desafios em relação a linguagem e a educação são enormes, porque tudo depende da bagagem educacional que as crianças trazem de casa, pois são muitas as diversidades linguísticas encontradas na escola que variam de acordo com a realidade de cada criança e até dos adultos no caso do ensino de jovens e adultos (EJA).

E também podemos ter por base as questões filosóficas que variam de acordo com o contexto de vida de cada aluno, pois dependendo desse contexto o aluno vai ter uma visão diferenciada da filosofia.

Referências:

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 4.ed. Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 13.ed. Rio de Janeiro:Paz r Terra, 1983

_____.**Uma entrevista polifônica e virtual com Paulo Freire.** In: ZACCUR, Edwiges (org). A magia da linguagem. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 13-24.

HAMMES, Lúcio Jorge. **Linguagem e educação:** questões filosóficas e desafios pedagógicos. Disponível em: <<http://www.unipampa.edu.br/jaguarao/>>. Acesso em: 26/09/2013.

PALMER. 1989, p. 20-21. Disponível em:
<<http://www.significado.com.br/linguagem/>>. Enviado pelo professor Lúcio Jorge Hammes, em 24/07/2013.

RIBEIRO, Tatiana. **A percepção dos professores sobre sua atividade em sala de aula.**

SANTOS, Kátia. **O silêncio é de ouro e a palavra é de prata?** Considerações acerca do espaço da oralidade em eja mota, artigo.

SILVA, Denise Cortez da. **Educação para a mídia:** a televisão como instrumento pedagógico e objeto de estudo accioly. artigo.